

Janowski, Daniele Andrea

A teoria de Pierre Bourdieu: Habitus, campo social e capital cultural

VIII Jornadas de Sociología de la UNLP

3 al 5 de diciembre de 2014

Janowski, D. (2014). A teoria de Pierre Bourdieu: Habitus, campo social e capital cultural. VIII Jornadas de Sociología de la UNLP, 3 al 5 de diciembre de 2014, Ensenada, Argentina. EN: Actas. La Plata : UNLP. FAHCE. Departamento de Sociología. En Memoria Académica. Disponible en: http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/trab_eventos/ev.4639/ev.4639.pdf

Información adicional en www.memoria.fahce.unlp.edu.ar



Esta obra está bajo una Licencia Creative Commons
Atribución-NoComercial-SinDerivadas 2.5 Argentina
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/2.5/ar/>

A TEORIA DE PIERRE BOURDIEU: *HABITUS*, CAMPO SOCIAL E CAPITAL CULTURAL

Daniele Andrea Janowski
danieleandrea.j@hotmai.com
PPGE – UFPR – Brasil

Resumo: Através dos conceitos de *habitus*, campo social e capital cultural este trabalho busca demonstrar a teoria de Pierre Bourdieu e sua importância na pesquisa sociológica. Sua construção teórica entrelaça conceitos chave que se completam e se fundem num conjunto interdependente que faz com que a teoria da ação seja sempre viva e aplicável a realidades distintas. Uma teoria que pode ser utilizada pontualmente na análise de uma sociedade, na sua formação e constituição, no entendimento de seus agentes, seus valores e costumes. Partindo de suas experiências pessoais, guiado por sua intuição e dono de uma percepção ímpar Bourdieu conseguiu instituir uma teoria sólida e racional que possibilita investigar, teorizar e entender as peculiaridades das sociedades, modos de vida e sistemas de pensamento. As diferenças entre os povos e as manifestações culturais presentes no convívio humano foram construídas coletivamente e se perpetuam no tempo. Enquanto muitos falam da constante evolução e mutação do ser humano, Bourdieu coloca a construção da personalidade individual vinculada aos preceitos e a ordenação arraigada dos modos de vida de cada sociedade e dos campos sociais nela existentes, bem como torna nítida a influência da escolarização na formação do indivíduo social.

Palavras-chave: Bourdieu. Educação. *Habitus*. Campo social. Capital Cultural

INTRODUÇÃO

Filósofo de formação, Pierre Bourdieu, consolidou-se dentro da sociologia por seus estudos etnográficos, iniciados a partir de suas inquietações pessoais ao observar os modos de vida e as relações sociais em distintos contextos. Com uma perspicácia ímpar traçou caminhos que desvelaram e descreveram as relações entre os agentes sociais de forma sutil e detalhada.

Entrelaçou conceitos e desenvolveu uma teoria sociológica com bases sólidas, permitindo aos leitores utilizar-se de seus preceitos para a investigação em diversas realidades sociais. Partindo de seus indicadores e conceitos é possível aplicar sua teoria sociológica para desvendar os encadeamentos existentes em sociedades distintas.

Nesse trabalho o intuito é pesquisar a obra de Bourdieu, pensar caminhos que possibilitam o entendimento de alguns conceitos construídos no decorrer de seu percurso como sociólogo e analisar suas contribuições na educação.

ALGUNS CONCEITOS

A teoria do *habitus* é produto de uma construção talhada após muito tempo de pesquisa e observação e, articula-se com outros conceitos desenvolvidos por Bourdieu para a análise de realidades sociais específicas. O *habitus* está na vida cotidiana de todos e é alimentado pelo meio social e pelas interações entre os indivíduos.

Os condicionamentos associados a uma classe particular de condições de existência que produzem *habitus*, sistemas de disposições duráveis e transponíveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, ou seja, como princípios geradores e organizadores de práticas e de representações que podem ser objetivamente adaptadas ao seu objetivo sem supor a intenção consciente de fins e o domínio expresso das operações necessárias para alcançá-los, objetivamente “reguladas” e “regulares” sem em nada ser o produto da obediência a algumas regras e, sendo tudo isso, coletivamente orquestradas sem ser o produto da ação organizadora de um maestro (BORDIEU, 2011a, p. 87).

O *habitus* é então um conjunto de ações e reações incorporadas pelas pessoas a partir da vivência em sociedade. Ele não é aprendido, pois surge das interações sociais com o meio e molda as atitudes e os pensamentos, não é consciente, mas segue as regras da convivência em determinado campo social, é a matriz cultural internalizada. Para Wacquant (2002, p.102), “... o *habitus* é um conjunto de desejos, vontades e habilidades, socialmente constituídas, que são ao mesmo tempo cognitivas, emotivas, estéticas e éticas, como ele é elaborado e como opera concretamente”. O *habitus* é durável, mas sujeito a mudanças a partir de influências que o transformam ou se sobrepõem a ele agindo na sua estrutura estruturante e redirecionando-a.

Como produto de um meio específico o *habitus* é alterado sempre o indivíduo transite em outros campos, para entrar no jogo em um campo diferenciado existirão mudanças no comportamento. As regras que regem cada campo específico diferem e, portanto exigem alterações significativas no modo de ação. É necessária uma

postura adequada em relação ao local e as pessoas pertencentes ao campo social enquanto o indivíduo permanece naquele campo.

A incorporação do *habitus* está condicionada ao campo, então existe uma dependência entre as duas noções. Os conceitos são entrelaçados e interdependentes, pois, um campo é também determinado pelas pessoas, suas atitudes e posturas.

Ou seja, a teoriapraxiológica, ao fugir dos determinismos das práticas, pressupõe uma relação *dialética* entre sujeito e sociedade, uma relação de mão dupla entre *habitus* individual e a estrutura de um campo, socialmente determinado. Segundo esse ponto de vista, as ações, comportamentos, escolhas ou aspirações individuais não derivam de cálculos ou planejamentos, são antes produtos da relação entre um *habitus* e as pressões e estímulos de uma conjuntura (SETTON, 2002, p.64).

O campo social é um espaço determinado pelas pessoas que pertencem a ele e que possuem características e concordâncias às regras determinantes que regem este meio. O *habitus* é condição e condicionante do campo. Um indivíduo que não tem as características ou não consegue adaptar o *habitus* para o convívio em grupo será excluído do campo por não possuir pertencimento a esse.

O *habitus* possui características duráveis, mas não imutáveis, existe uma margem de adaptação possível, mas também limitada pela constituição singular na qual foram absorvidos em meios diferenciados e, gerando uma construção híbrida que permite o trânsito do agente por campos diversos, sempre respeitando as regras de cada um deles para conseguir com isso entrar no jogo. “O *habitus* é essa espécie de senso prático do que se deve fazer em dada situação- o que chamamos, no esporte, o senso do jogo...” (BOURDIEU, 2011b, p.42). A disputa por posições mais importantes num campo atrai e conecta os agentes dentro do campo específico e de suas regras e lógicas. Para querer entrar no jogo existe a necessidade de partilhar condutas e ações próprias do campo. Como explica Bourdieu (1993, p. 90):

Para que um campo funcione, é preciso que haja objetos de disputas e pessoas prontas para disputar o jogo, dotadas de *habitus* que impliquem no conhecimento e no reconhecimento das leis imanentes do jogo, dos objetos de disputas, etc.

Para continuar no campo as ações devem seguir as regras do campo, é necessário que se adquira o *habitus* de classe. O não enquadramento acarreta no desligamento do indivíduo. Como essa ligação não é consciente por mais que se tente fazer parte de um campo isso não acontece apenas através da vontade, pois, se não existirem disposições favoráveis, o desligamento será automático pela dificuldade de incorporação dos princípios que regem esse campo determinado.

Conforme um agente transita entre diferentes campos e adquire através da prática social novas conformações ele cria um conjunto de hábitos que acabam por consolidar um *habitus* individual, uma soma de atributos que formam uma variação da personalidade social.

Outro fator ligado à questão do campo é o capital. Conforme o capital social que o agente detém ele pode ou não inserir-se num campo. No jogo de cada campo são admitidos apenas os que possuem as condições necessárias para o embate e, uma condição de permanência no campo é compactuar com as exigências e possuir capital (cultural, simbólico, social e econômico) compatível. O capital cultural refere-se ao acúmulo ou a disposição acumulada de conhecimento e da vivência em um determinado meio social específico. O capital econômico está diretamente ligado aos bens materiais. O capital social refere-se ao conjunto de relações sociais e, o capital simbólico que só tem sentido quando os agentes partilham sua significação e reconhecem sua importância (um cargo, diploma ou título) dentro do campo onde está ocorrendo o jogo.

A quantidade e a forma de acumulação de capital são diferentes entre os indivíduos, mas, quando entram em um campo passam a conjugar ideias e atitudes. É a partir das igualdades entre os membros, dos valores comungados, da *hêxis* corporal específica desse campo que são construídas as fronteiras e os limites do campo. Possuir características comuns passa a ser necessário para a permanência nesse grupo e no jogo. Surge então o senso prático, a necessidade social que se torna natureza, são esquemas motores e automatismos corporais sensatos ou habitados pelo senso comum (BOURDIEU, 2011a, p. 113).

BOURDIEU E A ESCOLA

Bourdieu deixou um legado bastante rico no campo educacional, suas observações produziram um aporte teórico diferenciado e importante principalmente para a pesquisa etnográfica.

Em seu livro Economia das trocas simbólicas, no texto Sistemas de ensino e Sistemas de pensamento, Bourdieu (2007) aborda como o pensamento é moldado pela sociedade e pela escola de maneira similar. Existe uma conjugação de valores e atitudes no meio social e na escola que levam a incorporação de formas de pensar e agir. “As aprendizagens metódicas da escola preenchem a mesma função dos esquemas inconscientes que se descobre nos indivíduos desprovidos de instituições escolares” (BOURDIEU, 2007, p.204). De maneiras diferentes, porém, com finalidade semelhante à construção das formas de pensamento são condicionadas, cada qual a seu modo, pelo entorno social. Então a escola objetiva traçar ações para ordenar as formas de pensamento e, mesmo que de modo inconsciente, as sociedades primitivas seja pelos seus ritos ou por sua forma prática de fazer/ensinar, consegue resultados próximos na formação do pensamento de seus descendentes.

A escolarização é amplamente discutida no trabalho sociológico de Bourdieu, pois, para ele a escola é uma instituição que faz a integração moral das sociedades diferenciadas e ainda a integração lógica progressivamente mais completa e exclusiva na medida em que os conhecimentos progridem e são aprendidos (BOURDIEU, 2007, p.206). A escola molda ou programa os indivíduos, conduzindo-os a uma homogeneidade própria e específica da escola que frequentaram. Eles partilham lugares, linguagem, problemas e maneiras de resolver os problemas comuns. Ao utilizar métodos uniformizantes a escolarização tende a produzir indivíduos com princípios, formas de pensamento e ação similares.

Enquanto força formadora de hábitos, a escola propicia aos que se encontram direta ou indiretamente submetidos à sua influência, não tanto para esquemas de pensamento particulares ou particularizados, mas uma disposição geral geradora de esquemas particulares capazes de serem aplicados nos mais diferentes campos do pensamento e da ação, aos quais se dá o nome de *habitus* cultivado. (BOURDIEU, 2007, p. 211).

Os alunos ao frequentarem a escola não só adquirem conhecimentos como partilham de um comportamento social comum, internalizam esquemas inconscientes próprios de sua cultura. A escola pela sua lógica própria modifica o conteúdo e o

espírito da cultura que transmite, cumpre a função de transformar o legado coletivo em um inconsciente individual e comum. (BOURDIEU, 2007, p. 212).

A educação do indivíduo está ligada a sua formação escolar, a realidade social na qual vive e onde está inserida a instituição. A escola reproduz os valores de seu entorno e eles são tão decisivos na condução dos processos e ações educativas como na produção de estudantes adequados àquela realidade específica. Escolas com alunos de classes cultivadas tendem a valorizar os conhecimentos e atitudes inerentes a essa classe, sendo também muito valorizada a educação familiar e os hábitos de classe a que essa família pertence. Nas escolas com indivíduos de classes populares as ações tendem a perpetuar e reafirmar as formas de pensamento e ação que perpassam as relações sociais dentro do contexto próprio dessa classe. A escola exerce uma força imensurável na formação dos indivíduos, mas encontra limitações devido às condições sociais e familiares dentro da realidade onde se encontra. Então, para Bourdieu, o ato de transmissão cultural necessariamente afirma o valor da cultura transmitida. O ensino produz, em parte, a necessidade do próprio produto e a cultura transmitida como valor dos valores (2007, p.218).

Segundo o pensamento de Bourdieu cada indivíduo valoriza a sua cultura e aprende em conformidade com essa, o que o conduz a identificar seu próprio valor com o valor da cultura adquirida, fazendo isso é condenado por sua formação a uma determinada hemiplegia cultural. A relação do indivíduo com sua cultura depende da forma como ele a adquiriu (2007, p. 218). Por mais que as escolas possuam um núcleo comum de conhecimentos pertencentes a uma cultura geral construída historicamente, e que deve ser transmitida pela instituição escolar, a intencionalidade, as particularidades na ação educativa, as qualidades exigidas e a valoração dessas qualidades e habilidades serão marcantes e muitas vezes mais importantes para a formação humana do que o próprio conteúdo explícito.

Na verdade, embora a escola seja apenas um agente de socialização dentre outros, todo este conjunto de traços que compõem a “personalidade intelectual” de uma sociedade – o melhor, das classes cultivadas desta sociedade – é constituído ou reforçado pelo sistema de ensino, profundamente marcado por uma história singular e capaz de modelar os espíritos dos discentes e docentes tanto pelo conteúdo e pelo espírito da cultura que transmite como pelos métodos segundo efetua esta transmissão (BOURDIEU, 2007, p. 227).

A educação é uma maneira institucionalizada de aquisição de cultura limitada por um contexto social imediato. A formação humana é parcial e dependente das condições de humanização e de conhecimentos vinculados na realidade da sociedade em questão. Como coloca Bourdieu, “Ter acesso à cultura é o mesmo que ter acesso a uma cultura, a cultura de uma classe de uma nação” (2007, p. 229).

A cultura inata é utópica. O sujeito que sonha com um pensamento liberto do impensado que nele se constituiu sob a palmatória dos preceptores e que constitui o suporte de seus pensamentos (Bourdieu, 2007, p. 228). O pensamento humano está condicionado ao aprendizado social. Ele é fruto da construção das percepções e das experiências vividas por cada um de forma única. Cada ser humano possui características metafísicas e comportamentais resultantes de seu vivido. As ações e reações do indivíduo são produto direto da constante aprendizagem no meio social em que vive e se relaciona.

CULTURA CORPORAL, CAPITAL CULTURAL, EDUCAÇÃO FÍSICA E AQUISIÇÃO DE CAPITAL CORPORAL.

A Educação Física no Estado do Paraná está fundamentada nas Diretrizes Curriculares da Educação Básica (DCE) e parte do pressuposto do acesso do aluno ao conhecimento produzido historicamente pela humanidade e, sobretudo estabelece que o objeto de estudo e ensino da disciplina é a cultura corporal. O objetivo é a formação de um ser humano crítico e reflexivo, que se vê como sujeito ou produto do meio, mas também como agente histórico, político, social e cultural. Na continuidade da fundamentação teórica das Diretrizes encontramos os Elementos articuladores dos conteúdos estruturantes de Educação Física para a Educação Básica e que são assim colocados: Cultura corporal e Corpo; Cultura Corporal e Ludicidade; Cultura Corporal e Saúde; Cultura Corporal e Mundo do Trabalho; Cultura Corporal e Desportivização; Cultura Corporal e Técnica e Tática, Cultura Corporal e Lazer; Cultura Corporal e Diversidade e Cultura Corporal e Mídia. (2008, p. 49)

Sendo assim podemos afirmar a importância da cultura dentro da disciplina, a preocupação no entendimento das manifestações corporais como um legado construído historicamente e que seja voltado para a formação crítica e atenta aos desafios contemporâneos. Nas palavras de Daolio,

Tenho afirmado em outros trabalhos que "cultura" é o principal conceito para a educação física, porque todas as manifestações corporais humanas são geradas na dinâmica cultural, desde os primórdios da evolução até hoje, expressando-se diversificadamente e com significados próprios no contexto de grupos culturais específicos. (2004, p.09)

Pensando as práticas educativas corporais na escola entendemos a difusão dos conhecimentos da cultura corporal enquanto forma de utilização dos conteúdos da disciplina de Educação Física como subsídio atuante na construção da corporeidade do aluno. É através da práxis da disciplina que podemos pretender o desenvolvimento de hábitos que permeados de significação podem compor, a partir dos conteúdos da cultura corporal, o desenvolvimento do capital cultural/corporal.

Para trabalhar com esta linha de pensamento se faz necessário definir a cultura corporal, o que faço usando as palavras de Barbero: “Cultura corporal é o conjunto de valores, percepções, ideias, conhecimentos, tradições, práticas, etc.que expressam o que pode ou deve-se fazer com o corpo” (2007, p.31). Então, tudo o que se relaciona a ser um corpo está condicionado à aquisição da cultura, questão intimamente ligada a maneira, ao lugar e ao discurso atrelado a esses conhecimentos transmitidos. A Educação Física em seu rol de conteúdos utiliza apenas uma parte da cultura corporal, mas a intencionalidade e a objetivação com que pode fazê-lo a tornam um ambiente rico para a construção de valores importantes na formação do agente social.

Entre os conceitos construídos e consolidados por Pierre Bourdieu, no que se refere à produção simbólica, temos vários exemplos de capital desenvolvidos por ele e que compõe a economia dos bens simbólicos. Os capitais estão presentes nos campos sociais e permeiam as relações de poder, de ascensão e de conquista social. É a partir das possibilidades incorporadas que exercemos as relações e conquistamos potenciais vantagens adquiridas pela detenção de algumas formas de capital necessárias no meio. Pautado Bourdieu, Barbero situa o capital corporal como uma forma de capital cultural, pois é socialmente construído e intimamente ligado às condições materiais do coletivo cultural e da existência individual (2005, p.26).

O corpo é um tema central na teoria de Pierre Bourdieu, pois é nele e através dele que são manifestadas as principais marcas do *habitus*. É pela constituição do corpo que existimos e por suas manifestações que entramos em contato com o outro e com a vida social. O corpo biológico é afetado pelo meio e suas conformações são produto dos

agenciamentos e acontecimentos cotidianos que estimulam o desenvolvimento de capacidades e agregação de valores. As aquisições e disposições duráveis existentes no corpo podem trazer facilidades no convívio social. O conjunto dessas potencialidades e possibilidades corporais podem ser consideradas um tipo de capital cultural específico denominado capital corporal.

Cabe então a Educação Física trabalhar a cultura corporal através de atividades físicas contextualizadas, que no Estado do Paraná partem dos conteúdos estruturantes e seus atravessamentos idealizados através dos elementos articuladores propostos nas Diretrizes Curriculares.

O jogo social é competitivo, o capital é essencial para estabelecer conjugações e galgar posições nesse espaço. Em cada campo específico o capital dá ao seu portador vantagens naquele espaço conforme as determinações nele existentes. O agente quando possuidor de capital específico transita de maneira fluida, agiliza os agenciamentos e facilita sua aceitação pelos demais. Para tanto a Educação Física enquanto disciplina curricular pode tornar-se um ambiente interessante e comprometido na afirmação de valores que podem ser incorporados e auxiliarem concretamente na vida dos alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os conceitos construídos por Pierre Bourdieu refletem sobre os agenciamentos produzidos na sociedade e como as ações dos indivíduos são condicionadas e condicionantes à realidade social a qual possuem pertencimento. A escola enquanto instituição inserida em um contexto singular age na formação e na reprodução do pensamento local, reafirmando seus valores e a sua importância.

A escolarização abrange aspectos marcantes no convívio de classe, reforçando e reafirmando valores e características que refletem as conformações da sociedade onde a instituição está inserida. Nesta perspectiva Bourdieu pensa a escola como uma instituição que reproduz as ideias e os valores da sociedade não como de forma consciente ou opressora intencional, mas como um reflexo das características de formação de pensamento e ação que regem o meio, que condicionam as relações sociais que envolvem o entorno da instituição escolar.

Dessa forma a escola e as ações pedagógicas exercem violência simbólica nos indivíduos, pois, tornam parcial a aquisição dos conhecimentos presentes na globalidade da cultura geral.

O *habitus* do campo escolar está presente no trabalho docente, nos rituais dos professores e pedagogos, nos afazeres escolares, nas regras instituídas pelas obrigações e pela necessidade do ato de ensinar. Os alunos moldados pela rotina escolar são aprendizes de classe instruídos dentro de uma cultura específica retroalimentada pela cultura familiar previamente moldada à situação social estabelecida. Todos portadores de esquemas incorporados, consentimento de liberdade de pensamento e de dever cumprido.

Ainda entre os conceitos de Pierre Bourdieu entendemos o Capital Corporal como uma incorporação da cultura corporal dispersa em todos os campos sociais e como produto de conhecimentos historicamente construídos. Partindo dessa afirmação a problematização ocorre em torno da possibilidade real de intervenção da disciplina de Educação Física na aquisição

REFERÊNCIAS

BARBERO Gonzalez, José Ignacio. La escolarización del cuerpo: Reflexiones em torno a la levedad de los valores del capital 'cuerpo' em educación física. Revista iberoamericana de Educación n.º 39, 2005.

_____. Capital(es) corporal(es) que configuran las Corrientes y/o contenidos de la educación Física escolar. Ágora para la EF y el Deporte, n.º 4-5, 2007.

Bourdieu, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero. p. 89-94, 1983.

_____. **O senso prático**. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011a.

_____. **Razões práticas: Sobre a teoria da ação**. 11ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2011b.

_____. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo, SP: Perspectiva, 2007.

DAOLIO, Jocimar. Educação física e o conceito de cultura. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

SETTON, M. da G. J. A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n.º. 20, p.60-70, mai./jun./jul./ago. 2002.

WACQUANT, L. O legado sociológico de Pierre Bourdieu: duas dimensões e uma nota pessoal. **Revista de sociologia e Política**, Curitiba, n.º. 19, p. 99-110, nov. 2002.